

## Campanha de Bolsonaro busca tumulto a 4 dias da eleição



Jair Bolsonaro (PL) se aproxima de jornalistas para fazer pronunciamento no Alvorada. Pedro Ladeira/Folhapress

# Bolsonaro pavimenta '3º turno' se perder; Moraes vê tentativa de tumultuar

Presidente usa relatório frágil para questionar eleição e fala em recorrer até o fim após presidente do TSE negar ação da campanha

**BRÁSILIA E BELO HORIZONTE** A campanha de Jair Bolsonaro (PL) pretende usar um relatório com diversas fragilidades sobre suposta supressão de inserções da campanha do presidente em rádios do Norte e Nordeste como uma forma de estender um debate jurídico sobre a legitimidade das eleições em caso de derrota no próximo domingo (30).

Após do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas principais pesquisas de intenção de voto, Bolsonaro reforçou os ataques ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e insistiu na acusação de que algumas emissoras de rádio deixaram de veicular parte de suas propagandas eleitorais.

O presidente do TSE, Alexandre de Moraes, rejeitou nesta quarta (26) a ação apresentada pela campanha, destacou a ausência de provas e disse que ela se baseava em levantamento de empresa "não especializada em auditoria".

O ministro ainda apontou possível "cometimento de crime eleitoral com a finalidade de tumultuar o segundo turno do pleito em sua última semana" e mandou o caso para ser avaliado dentro do inquérito das mídias digitais, que é relatado por ele mesmo no STF (Supremo Tribunal Federal).

À noite, Bolsonaro prometeu recorrer até o fim e disse que seu partido deve contratar uma terceira empresa para analisar os casos.

"Com toda a certeza, nosso jurídico deve entrar com recurso, já que foi para o Supremo Tribunal Federal. Da nossa parte, iremos às últimas consequências, dentro das quatro linhas da Constituição, para fazer valer aquilo que as nossas auditorias constataram, que há realmente um enorme desequilíbrio no tocante às inserções. Isso obviamente interfere na quantidade de votos no final da linha", afirmou Bolsonaro.

Ele mudou sua agenda e convocou ministros e os três comandantes de Forças Armadas para uma reunião no Palácio da Alvorada antes de se pronunciar. Saiu sem responder a perguntas de jornalistas.

O presidente criticou Moraes dizendo que ele "matou no peito" ao tomar a decisão contrária à ação e afirmou que uma equipe de sua campanha havia virado a noite (incluindo ele, que afirmou ter dado umas "cochiladas") para le-

vantar os elementos pedidos pelo presidente do TSE.

À noite, Bolsonaro recebeu o chefe da missão da OEA (Organização dos Estados Americanos) junto ao TSE, que também se reunirá com Lula.

A ideia da campanha do presidente é, nos próximos dias, explorar o episódio das inserções para reforçar a tese de que o presidente foi prejudicado e não enfrentou um pleito equilibrado contra o petista.

A contestação sobre a propagação eleitoral foi apresentada pela equipe do presidente no começo da noite de segunda-feira (24), 25 horas depois da prisão do aliado Roberto Jefferson, que resistiu à prisão, jogou granadas e deu mais de 50 tiros em policiais federais, num episódio de violência que gerou desgaste na campanha de Bolsonaro.

O levantamento feito pela coligação de Bolsonaro não comprova as alegações e tem fragilidades. As emissoras já começaram a contestar os dados da campanha. Uma das rádios afirma que o PL deixou de entregar as inserções durante um período e por isso elas não foram veiculadas.

A campanha de Bolsonaro avalia que o episódio permite que o presidente se apresente como candidato antissistema e perseguido pelo Judiciário.

Moraes encaminhou a decisão de rejeitar a ação da campanha à Procuradoria-Geral Eleitoral e ao corregedor-geral do TSE. "Para instauração de procedimento administrativo e apuração de responsabilidade, em eventual desvio de finalidade na utilização de recursos do fundo partidário".

Em comícios em Minas Gerais nesta quarta, Bolsonaro falou em "manipulação dos resultados" com "o dedo" do PT e voltou a insinuar que poderá não aceitar o resultado do próximo domingo.

"Mas uma do TSE. Vocês estão acompanhando as inserções do nosso partido que não foram passadas em dezenas de milhares de rádios pelo Brasil. Sou vítima, mais uma vez. Onde poderiam chegar as nossas propostas nada chegou", afirmou durante discurso em Teófilo Otoni (MG).

A campanha de Bolsonaro ainda deve apresentar ao TSE uma Aje (Ação de Investigação Judicial Eleitoral) sobre o caso. Esse tipo de procedimento pede para a corte abrir uma apuração sobre suposto

abuso de poder e tem poder de cassar a chapa adversária. A tramitação de uma ação desse tipo, porém, é lenta. Para punir a chapa de Lula seria preciso provar que houve uma ação orquestrada da campanha petista para promover a suposta fraude nas rádios. Ainda assim, apresentar a Aje seria a forma de a campanha de Bolsonaro manter vivo o questionamento sobre o equilíbrio das eleições mesmo depois do segundo turno. Uma medida ainda mais drástica, defendida por apoiadores mais radicais nas redes sociais, seria pedir o adiamento das eleições para que fosse possível repor o tempo perdido por Bolsonaro nas rádios. Aliados não descartam a possibilidade de Bolsonaro embarcar nesse movimento, ainda que integrantes da campanha admitam a interloquência que um pedido desse não teria chance no Judiciário. Parte do núcleo político da campanha, porém, avalia que é um equívoco apostar todas as fichas no episódio. Para eles, é um erro usar o caso como a grande estratégia em busca de reverter a derrota para Lula no primeiro turno. Há a avaliação de que o tema passa um sentimento de derrota ao eleitor e de desânimo à militância nesta reta final.

A análise é que um discurso voltado para a economia e para promessas de melhoria da vida da população teria mais efeito do que reforçar o enfrentamento com o TSE. O confronto com a corte vem sendo feito por Bolsonaro desde antes do período eleitoral e já envolveu também a defesa de voto impresso e questionamentos à confiabilidade das urnas eletrônicas. Auxiliares na campanha disseram à Folha que receberam relatos de supostos problemas nas inserções nas rádios ao longo do primeiro turno. Mas foi apenas nas duas primeiras semanas do segundo que a tese foi estruturada. Em outra frente, parlamentares bolsonaristas estão recolhendo assinaturas para uma CPI sobre o caso. A liderança do PP, partido do presidente da Câmara, Arthur Lira, enviou mensagem a deputados pedindo apoio ao requerimento.

Marianna Holanda, Matheus Teixeira, Renato Machado, Mateus Vargas, Leonardo Augusto e Luciano Catarino

Jair Bolsonaro (PL) presidente e candidato à reeleição em pronunciamento no Palácio da Alvorada

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Política **Caderno:** A **Página:** 6